

Variação no uso da morfologia do modo subjuntivo e indicativo em documentos maranhenses escritos no século XIX

Variation in the use of morphology of the subjunctive and indicative mood in documents written in the 19th century in Maranhão

Wendel Silva dos Santos¹

Laine Barros Fortes²

RESUMO: Este trabalho analisa a variação no uso da morfologia do indicativo e do subjuntivo em orações subordinadas substantivas, extraídas de documentos escritos no Maranhão, no século XIX. A hipótese é a de que a utilização da morfologia do indicativo, no lugar do subjuntivo, explica o caráter composicional desse modo verbal (COMRIE, 1976; VERKUL, 1993; 1999), em que a noção de *subjuntividade* (SANTOS, 2015) estaria mais atrelada a outros elementos da sentença do que necessariamente à forma verbal da oração subordinada. Os dados coletados e codificados foram analisados no programa R (R CORE TEAM, 2022). Os resultados revelam que as variáveis verbo da oração principal, tempo verbal da oração principal e a presença de elementos de negação explicam a variação indicativo/subjuntivo.

PALAVRAS-CHAVE: subjuntivo; indicativo; variação; sociolinguística histórica.

ABSTRACT: This study examines the variation in the use of indicative and subjunctive morphology in subordinate substantive clauses extracted from documents written in Maranhão, in the 19th century. The hypothesis is that the use of indicative morphology, instead of subjunctive, explains the compositional character of this verbal mood (COMRIE, 1976; VERKUL, 1993; 1999), in which the notion of subjunctivity (SANTOS, 2015) is more closely linked to other sentence elements than necessarily to the verbal form of the subordinate clause. The collected and encoded data were analyzed in the R (R CORE TEAM, 2022) program. The results reveal that the variables of the main clause verb, the tense of the main clause, and the presence of negation elements explain the indicative/subjunctive variation.

KEYWORDS: subjunctive; indicative; variation; historical sociolinguistics.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Ciências de Bacabal (CCBa), da Universidade Federal do Maranhão, coordenador do Projeto Sociolinguística Histórica do Português Maranhense: análise de dados linguísticos a partir textos publicados entre os séculos XIX e XX (PVCEL2747-2021), wendel.silva@ufma.br, <https://orcid.org/0000-0002-2418-0419>.

²Aluna de Iniciação Científica (PVCEL2747-2021) do Curso de Licenciatura em Letras do Centro de Ciências de Bacabal (CCBa), da Universidade Federal do Maranhão. laine.fortes@discente.ufma.br, <https://orcid.org/0000-0003-3815-8519>. Este trabalho é parte dos resultados do projeto de Iniciação Científica “Variação no uso da morfologia do indicativo e do subjuntivo em textos escritos no Maranhão entre os séculos XIX e XX”.

1 Introdução

A expressão do modo subjuntivo tem sido objeto de ampla investigação pela sociolinguística brasileira. Veja-se, por exemplo, os trabalhos de Santos (2005), que analisou a alternância entre os modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas e adverbiais a partir da análise de dados extraídos da fala de sujeitos nascidos em cidades do noroeste paulista³, e de Oliveira (2007), que estabeleceu os padrões de uso desse caso de variação na fala de paraibanos, cariocas e brasilienses, tentando aliar premissas da sociolinguística laboviana à teoria chomskiana de princípios e parâmetros, área denominada sociolinguística paramétrica (DUARTE, 2019). Anteriormente a esses, há as pesquisas realizadas por Botelho Pereira (1974) e Whertritt (1977). A primeira analisa, de uma perspectiva semântica, sentenças subordinadas introduzidas por *que*⁴; enfoca a (a)gramaticalidade da substituição do modo subjuntivo pelo indicativo em certos contextos alternantes. Whertritt (1977), por sua vez, descreveu a variação entre o subjuntivo e o indicativo, na fala de sujeitos de cidades paulistas (inclusive a capital), e aplicou testes em que os informantes deveriam completar orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais.

Esses estudos valem-se de dados reais, efetivamente empregados por informantes, exceto o de Botelho Pereira (1974), que analisa a possibilidade de variação entre o indicativo e o subjuntivo a partir de dados de “intuição” do português brasileiro com esses modos, além daqueles que estudam a variação entre a morfologia desses dois modos verbais a partir da perspectiva da sociolinguística histórica⁵ (ALMEIDA; CALLOU, 2009; PIMPÃO, 1999; 2012; BERLINCK, 2019), ou seja, que se ocupam em discutir tal fenômeno à luz dessa área dos estudos sociolinguísticos, que tem como fonte de dados textos antigos

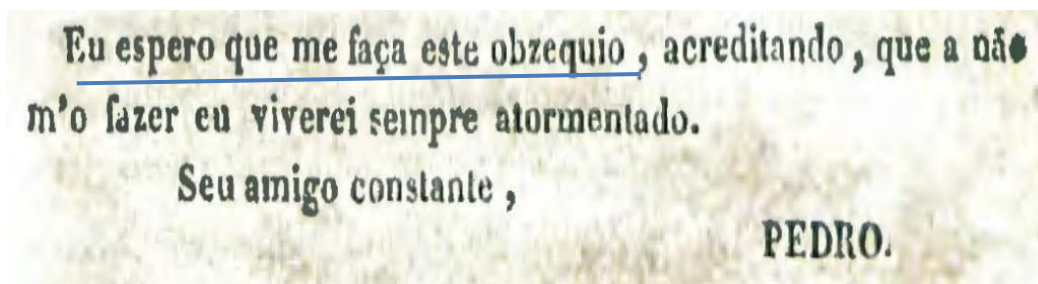
³ Dados da fala de sujeitos entrevistados pelo Projeto *Iboruna* (cf. GONÇALVES, 2005) que vivem na região noroeste paulista, mais especificamente nas cidades de São José do Rio Preto, Bady Bassit, Mirassol, Guapiaçu, Onda Verde, Cedral e Ipiúá.

⁴ Trata-se de um teste de “percepção” entre 21 sujeitos com nível superior de escolaridade, cuja origem não é explicitada no texto, a fim de determinar em quais contextos a forma do indicativo poderia substituir a do subjuntivo, sem alteração semântica do enunciado.

⁵ Toma-se como sociolinguística histórica a proposta de Romaine (2009[1982]), que entende essa classificação dos estudos sociolinguísticos como um campo de pesquisa que objetiva investigar as formas em que o fenômeno da variação pode se manifestar numa dada comunidade, ao longo do tempo.

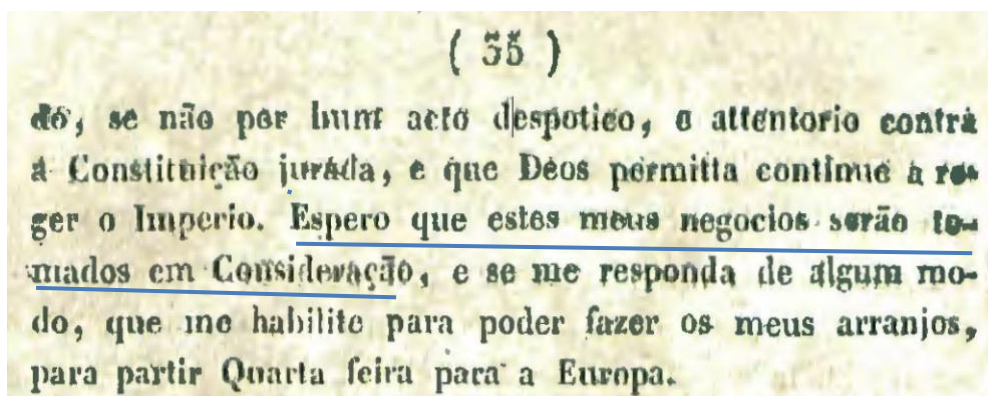
escritos. Essas pesquisas mostram que a forma do subjuntivo é bastante produtiva em sincronias passadas, ainda que, de modo sutil, a forma do indicativo tenha figurado no espaço dedicado ao subjuntivo, a exemplo dos dados apresentados em 1 e 2, a seguir, extraídos do documento “Historia da Revolução do Brasil *com peças oficiais e fac símile da propria mão de Dom Pedro*”, que trata da abdicação do trono brasileiro por Dom Pedro I, escrito no ano de 1831, “por hum membro da Camara dos Deputados”, conforme informação disponível na capa do documento.

Figura 1 – Exemplo com morfologia do verbo na primeira pessoa do presente do subjuntivo



Fonte: Site do Arquivo Público de São Luís.

Figura 2 – Exemplo com morfologia do verbo na terceira pessoa do futuro do indicativo



Fonte: Site do Arquivo Público de São Luís.

Da figura 1, exemplo 1, acima, destaca-se o trecho *eu espero que me faça este obzequio*, e, da figura 2, exemplo 2, destaca-se o trecho *espero que estes meus negocios serão tomados em Consideração*. Nesses períodos, tem-se dois casos de oração substantiva, em que a oração subordinada está encaixada (cf. KATO; TARALLO et al, 1993; MIRA MATEUS et al, 2003) na posição do objeto direto do verbo esperar. Ainda que a prescrição gramatical preveja que esse verbo exija a

forma do subjuntivo, a exemplo de *faça*, no excerto 1, observa-se que a modalidade típica do subjuntivo é expressa, ainda que a morfologia seja a do indicativo, a exemplo de *serão tomados*, no exemplo 2, em que se evidencia um contexto de projeção futura, de valores e vontades (PIMPÃO, 2012). Entende-se que ambas as sentenças preenchem os requisitos para serem compreendidas como contextos possíveis em que a noção de subjuntivo é expressa, processo de variação que pode ser explicado graças à clara “dependência sintática em que há a possibilidade de uma escolha alternativa entre formas do subjuntivo e do indicativo” (MATTOS E SILVA, 2010, p. 405), operado pela semântica do verbo da oração principal.

Além disso, tal variação parece explicitar o fato de que o modo subjuntivo estaria se tornando, pelo menos no português brasileiro, mais composicional, no sentido de que a noção própria de *subjuntividade*, termo proposto por Santos (2015), estaria espalhada ao longo da sentença e que outros elementos atribuiriam a semântica do subjuntivo a certos tipos de itens lexicais, como verbos na oração principal, ou a certos tempos verbais, como o pretérito. Defende-se que o modo subjuntivo estaria, portanto, especializando seu uso a certos contextos.

Alves (2009), Santos (2015), Berlinck (2019), entre outros autores, apontam para o fato de que o uso de morfologia do indicativo, no lugar da morfologia própria do subjuntivo, ocorre desde o latim vulgar. Blatt (1952) sugere que, diacronicamente, o subjuntivo passou a ser estreitamente correlacionado com estruturas de subordinação, e que essa “afinidade” foi tomada e prescrita pela norma culta como “a correta”.

Maurer Junior (1959, p. 194) menciona o fato de que o subjuntivo vem desde o latim vulgar perdendo alguns dos seus tempos e restringindo a sua função. O autor explica que o condicional⁶ “é um modo de criação românica”, empregado em diversos contextos da România Ocidental com valor de “[...]”

⁶ Maurer Junior (1959) está considerando a terminologia anterior à elaboração da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), instituída pela portaria nº 36, de 28 de janeiro de 1959. Nesse documento, especialmente no item dedicado às orientações para o ensino da flexão verbal, é proposto que o subjuntivo “é o modo pelo qual se exprimem fatos dependentes de certas situações, tais como incerteza, esperança, desejo, receio, possibilidade” (CANEVARI, 1960, p. 44), e que o condicional passe a ser denominado futuro do pretérito: “a denominação de *futuro* do pretérito (simples e composto) substitui a de *condicional* (simples e composto) [grifos originais] (CANEVARI, 1960, p. 45).

passado do futuro imperfeito do subjuntivo; na apódose do período hipotético; como modo de dúvida; e com valor de subjuntivo potencial latino na segunda pessoa do plural”, para exprimir uma espécie de “impessoal”. Desse modo, acrescenta o autor, “o condicional vai desenvolvendo o seu emprego modal (...) entrando em concorrência com o subjuntivo” (p. 199). O autor explica que isso se dava principalmente porque, de um lado, o povo, que usava mais o indicativo, destinava o subjuntivo apenas para a possibilidade de expressar dúvidas, enquanto os semieruditos, de outro, se esforçavam por atribuir um caráter literário às suas proposições.

O trabalho que aqui se desenha coaduna-se com as pesquisas anteriormente citadas, que analisam dados extraídos de textos escritos em sincronias pretéritas, ao propor o estudo de formas indicativas, em contextos em que o esperado, senão o prescrito, são as formas do subjuntivo, com base em documentos do século XIX, disponibilizados no site da Biblioteca Pública Benedito Leite e do Arquivo Público de São Luís, instituições localizadas na capital do estado do Maranhão. O recorte temporal aqui estabelecido se justifica pelo fato de que o Projeto⁷ ao qual os dados de análise de variação entre o indicativo e o subjuntivo se alinham está na fase de leitura e de coleta de dados desse período, conforme detalhado na seção 3, dedicada à metodologia adotada na pesquisa.⁸

Metodologicamente, lança-se mão do aparato teórico-metodológico da Teoria da Variação e da Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006[1968]; LABOV, 2008[1972]). Discutem-se as distribuições gerais dos dados ao longo do período em questão e comparam-se os resultados aos das pesquisas que se debruçaram sobre o mesmo fenômeno, ainda que os recortes temporais tenham sido diferentes. Em seguida, analisam-se os fatores considerados para

⁷ O Projeto “Sociolinguística Histórica do Português Maranhense: análise de dados linguísticos a partir textos publicados entre os séculos XIX e XX” objetiva extrair, transcrever e analisar dados linguísticos com base em textos dos séculos XIX e XX publicados no estado do Maranhão, a fim de explicar processos de variação e mudança nessa variedade linguística pouco estudada do ponto de vista histórico-linguístico.

⁸ Agradece-se o apoio científico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) e da Agência de Inovação, Empreendedorismo, Pesquisa, Pós-Graduação e Internacionalização (AGEUFMA/UFMA), por meio do seu programa de bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFMA).

esta análise preliminar que possam explicar os usos da morfologia do modo indicativo em contextos de subjuntivo. Esses resultados são apresentados na seção 4. Na seção 2, a seguir, apresenta-se o interesse da sociolinguística variacionista, especialmente a denominada histórica. São elencadas algumas das pesquisas já realizadas com o mesmo interesse com o que se lança aqui. Na seção 3, descrevem-se os materiais e os métodos utilizados para coleta, codificação e análise dos dados. O trabalho se encerra com a apresentação das conclusões e das referências que subsidiam este estudo.

2 A sociolinguística histórica no estudo da variação entre formas subjuntivas e indicativas

Nas palavras de Zágari (2009, p. 77), “a língua funciona sincronicamente e se constitui diacronicamente”. Nesse sentido, para planejar a descrição e a explicação do emprego variável da morfologia do indicativo e do subjuntivo na expressão do modo subjuntivo no português contemporâneo, é interessante lançar um olhar para o passado e nele buscar elementos que forneçam caminhos para a análise de natureza sociolinguística que aqui se projeta. Esse olhar para o passado pode ser feito a partir do ponto de vista da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008[1972]), especialmente por meio da subárea denominada sociolinguística histórica (ROMAINE, 2009[1982]).

Ao tomar a estrutura linguística como funcional, a teoria da variação e da mudança linguística igualmente entende que formas linguísticas coexistem como meios alternativos de dizer a mesma coisa e estão igualmente disponíveis a todos os membros da comunidade de fala (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006[1968], p. 97), a exemplo das formas do subjuntivo e do indicativo, na expressão do modo subjuntivo. A sociolinguística histórica, subárea dos estudos variacionistas, de acordo com Hernández-Campoy e Conde-Silvestre (2012), tem interesse em descrever e analisar fenômenos linguísticos em variação, considerando seus aspectos sociais, culturais e históricos, com base em textos antigos escritos. As orientações dessa subárea serviram de base para pesquisas sociolinguísticas que se ocupam em analisar, a partir de textos históricos, os diversos níveis de análise linguística, incluindo-se o nível morfossintático,

especialmente os estudos que se interessam pela variação entre a morfologia do subjuntivo e do indicativo em diversas línguas, como o português brasileiro (cf. BIANCHET, 1996; ALVES, 2009; ALMEIDA, 2010).

Santos (2015) explica que a base para se analisar a variação no uso da morfologia do indicativo e da morfologia do subjuntivo, ambas utilizadas para expressar a noção de subjuntivo, pode ser definida a partir do enfoque dado a esses dois modos verbais. Acrescenta, ainda, que um caminho importante para se compreender o uso de uma forma pela outra é analisar dados de sincronias distintas da sincronia atual.

Blatt (1952), que faz tal exercício, explica que, já no latim clássico, havia a possibilidade de as formas do subjuntivo e do indicativo alternarem. De acordo com o autor, as propriedades morfológicas desses dois modos verbais não são, desde aquela época, bem definidas. Para ele, as noções de deliberação e de dúvida, características próprias do subjuntivo, podem também ser expressas pelo indicativo, e a noção de *irrealis* pode ser traduzida, em certos casos, por esse modo verbal. Ele sugere ainda que, diacronicamente, o subjuntivo passou a ser estreitamente correlacionado com estruturas de subordinação, e que essa “afinidade” foi tomada e prescrita pela norma culta como “a correta”.

No que diz respeito ao português brasileiro, essas pesquisas têm mostrado que a realização das duas morfologias está essencialmente favorecida pelo verbo da oração principal, tempo verbal da oração principal e da oração subordinada, bem como pelo grau de assertividade da sentença, quando se tem, ou não, a presença de um elemento de negação.

Mais recentemente, Berlinck (2019) analisou a variação entre formas subjuntivas e indicativas em orações completivas no português brasileiro. O objetivo foi estabelecer o percurso da variação entre a morfologia desses modos, além de demarcar a entrada e a expansão do indicativo nos contextos prescritos para o uso do subjuntivo. Para tanto, analisou dados de peças teatrais dos séculos XVIII, XIX e XX, e do início do século XXI, além de dados de fala extraídos do Projeto ALIP (GONÇALVES, 2005). Como resultados gerais, Berlinck (2019) observou que a morfologia própria do subjuntivo, nas peças teatrais analisadas, manteve-se estável nos séculos considerados para a análise, o que, segundo a autora, pode ser explicado pela forte imposição prescritiva que envolve o uso

desse modo na modalidade escrita. Para sustentar tal afirmação, Berlinck (2019) comparou os seus resultados com aqueles de análises de dados de fala realizados em diversas regiões do Brasil (CARVALHO, 2007; ALMEIDA; CALLOU, 2009, PIMPÃO, 1999; 2012), que têm mostrado que o uso da forma do subjuntivo tem cedido espaço para o uso da forma do indicativo. Além disso, a autora verificou também a forte correlação do *tipo de verbo* na seleção de uma ou outra morfologia, apontando para o fato de que há um restrito conjunto de verbos na oração principal que obrigam ao uso do subjuntivo na oração subordinada. Ela explica que os verbos *querer, esperar, pedir, desejar* são importantes exemplares que levam ao uso das formas próprias do subjuntivo em orações subordinadas substantivas objetivas diretas, a exemplo de (3) *Não querem que a mulher receba ninguém em sua ausência de casa, e não falle nem com um pobre que vá pedir esmolla na escada*⁹. O uso do subjuntivo também se manteve estável ao longo dos séculos analisados, quando os verbos da oração encaixada estavam no pretérito imperfeito e no presente. Essa combinação entre o verbo da oração principal e o tempo verbal da oração subordinada seriam os principais fatores que explicariam o uso de uma forma ou de outra, na expressão do modo subjuntivo, de acordo com Berlinck (2019).

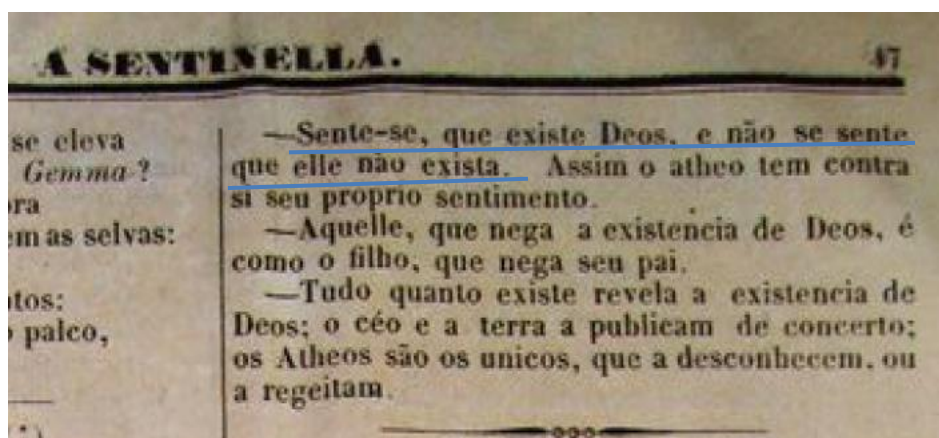
Os trabalhos que se ocupam em analisar a variação na morfologia do subjuntivo e do indicativo, com base em dados de textos antigos, escritos, especialmente, em séculos anteriores ao atual, à luz da sociolinguística variacionista, ou de sua vertente histórica, mostram que a forma do subjuntivo é bastante produtiva, ainda que tenham sido encontrados dados de variação com morfologia do indicativo, de modo que, mesmo em recortes temporais passados, é, desde sempre, “o grau de aproximação da realidade ou certeza sobre o que se queira expressar” (MATTOS E SILVA, 2010, p. 406) que vai explicar o uso de uma forma modal indicativa ou subjuntiva.

O trabalho que aqui se desenha, ao propor analisar a variação entre esses modos verbais, e, de modo mais específico, o tipo de verbo da oração principal, bem como o tempo verbal do verbo da oração principal e da oração subordinada, além do grau de assertividade da oração, pretende contribuir para uma

⁹ Exemplo extraído do periódico Marmota Maranhense (1851).

compreensão mais aprofundada desse fenômeno linguístico na variedade sócio e historicamente estabelecida do português brasileiro. Os dados analisados são extraídos de textos escritos ao longo do século XIX¹⁰ e que estão disponibilizados na Biblioteca Pública de São Luís e no Arquivo Público de São Luís. Nesses dados, como já se viu nos exemplos 1 e 2, acima, podem ser verificadas ocorrências de variação entre formas subjuntivas e indicativas, com o verbo *esperar* na oração principal. Outros verbos na posição de verbo da oração principal, a exemplo de *sentir*, também regem orações subordinadas nas quais a variação entre o subjuntivo e o indicativo ocorre.

Figura 3 – Exemplo com morfologia do indicativo e do subjuntivo



Fonte: Site do Arquivo Público de São Luís, Maranhão.

Do mesmo modo como nos exemplos 1 e 2, aqui, na figura 3, exemplo 4, tem-se um caso explícito de variação entre as formas do modo subjuntivo e do indicativo em orações completivas objetivas diretas. Observa-se que se trata do mesmo contexto, em ambas as sentenças, com o presente do verbo *sentir* encerrando a oração principal e o presente do verbo *existir*, na oração encaixada. Adicione-se a informação de que, o segundo excerto *não se sente que ele não exista* apresenta o advérbio de negação *não*, o que pode se correlacionar à morfologia própria do subjuntivo, na expressão desse modo verbal.

¹⁰ Os dados do século XIX são apresentados aqui porque, à época da realização da coleta de dados nos sites da Biblioteca Pública de São Luís e do Arquivo Público de São Luís, havia apenas os dados desse período disponibilizados. Ressalte-se que a coleta desses dados se deu durante o período pandêmico mais rigoroso, quando estavam proibidas visitas a prédios públicos. Os dados do século XX ainda não foram devidamente codificados, a fim de que sejam apresentados.

A presença de elemento de negação é um dos fatores controlados dentre as muitas pesquisas que se ocupam em analisar a variação entre o indicativo e o subjuntivo. Rocha (1997) e Pimpão (2012), por exemplo, verificaram que a presença de um elemento de negação, na sentença, favorecia o uso da morfologia do subjuntivo em seus dados. De fato, a presença do elemento de negação como favorecedor do uso do subjuntivo em orações subordinadas substantivas é prevista pela norma (cf. SAID ALI, 1971; ALMEIDA, 2006). Nesse sentido, esta pesquisa busca verificar, nos dados extraídos de documentos disponíveis na Biblioteca Pública e no Arquivo Público de São Luís, se o fato de haver a presença de um elemento de negação faz diferença para o uso da morfologia do indicativo ou do subjuntivo, como parece ser o caso do exemplo destacado na figura 3, exemplo 4, acima.

Esses achados parecem explicitar uma aparente característica do modo subjuntivo, em português brasileiro: a de ser uma categoria de natureza composicional, semelhante ao que se propõe para o aspecto (COMRIE, 1976; TRAVAGLIA, 1981; VERKUL, 1993; 1999; MENDES, 2005). No caso do subjuntivo, igualmente no que se vê para o aspecto, a sua noção estaria menos atrelada à morfologia prevista para a sua realização e mais condicionada à uma relação estreita com outros elementos ou com o aspecto semântico da sentença.

Os estudos sobre a variação entre as formas do indicativo e do subjuntivo (SANTOS, 2005, CARVALHO, 2007; SANTOS, 2015) têm mostrado, por exemplo, que verbos volitivos, como *querer* e *desejar*, se correlacionam mais ao uso da forma do subjuntivo, comparativamente a verbos cognitivos, a exemplo de *pensar*. Mais recentemente, Santos (2020), que analisou a percepção sociolinguística de ouvintes ludovicenses e paulistanos quanto ao uso da morfologia do indicativo e do subjuntivo, verificou que falantes que foram ouvidos produzindo sentenças com verbos volitivos, como *querer*, a exemplo de *o supervisor quer que os funcionários **participem/participam** da reunião*¹¹ [grifos nossos], foram avaliados como pessoas menos escolarizadas pelos ouvintes. Além disso, esses mesmos ouvintes, quando avaliaram tais sentenças, afirmaram que se tratava de uma forma “errada” de se usar o verbo, que deveria,

¹¹ Trecho extraído de Santos (2020).

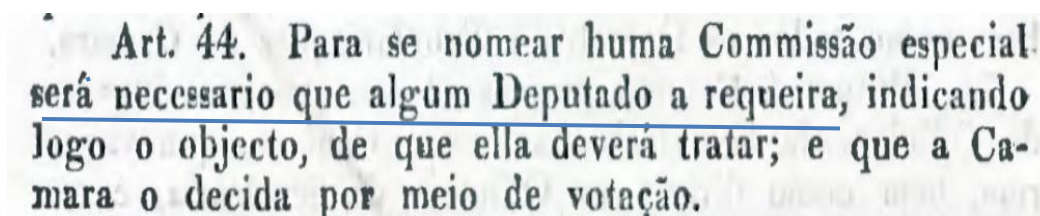
segundo eles, estar na forma subjuntiva *participem*. Do mesmo modo, esses pesquisadores mostraram que orações com algum elemento de negação, bem como verbos com tempo verbal no pretérito, são aqueles que mais se correlacionam com a forma própria do subjuntivo.

Considerando-se que o verbo da oração principal, o tempo verbal da oração principal e da oração subordinada, bem como a presença ou ausência de negação parecem explicar o uso da morfologia do indicativo, em contextos em que o esperado é a morfologia própria do subjuntivo, codificaram-se os dados analisados nos documentos selecionados.

3 Metodologia

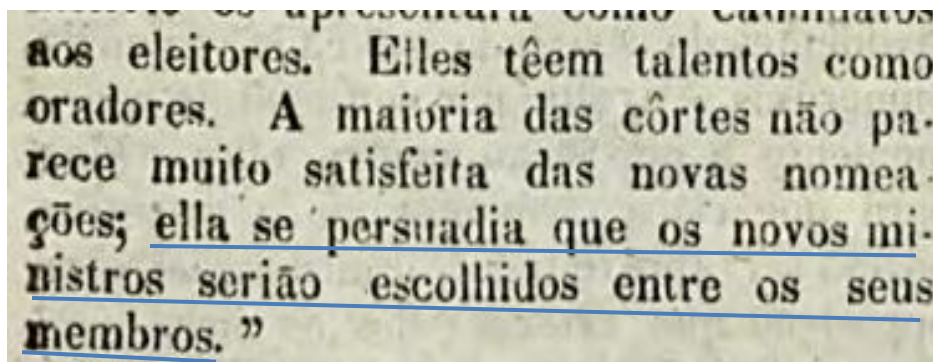
O objeto de estudo deste artigo é a análise do uso da morfologia do indicativo e do subjuntivo na expressão de modo subjuntivo, à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006[1968]; LABOV, 2008[1972]). Para tanto, foram coletados dados de orações completivas, em que a oração subordinada funciona como objeto direto da oração principal, a exemplo de 1, 2, 3 e 4, acima, e 5 (figura 4) e 6 (figura 5), a seguir, em que, ou se tem a morfologia própria do subjuntivo na expressão desse modo verbal, ou a morfologia do indicativo no espaço no qual poderia configurar a morfologia do subjuntivo, sem prejuízo da compreensão da sentença.

Figura 4 – Exemplo com morfologia do subjuntivo



Fonte: Biblioteca Pública de São Luís.

Figura 5 – Exemplo com morfologia do indicativo



Fonte: Biblioteca Pública de São Luís.

Esses casos foram extraídos de documentos históricos disponibilizados no site da Biblioteca Pública Benedito Leite¹² e do site do Arquivo Público de São Luís¹³. Para a análise que aqui se desenvolve, foram considerados a *Historia da Revolução do Brasil com peças officiaes e fac simile da propria mão de Dom Pedro*, datado do ano de 1831, o *Regimento Interno da Camara dos Deputados da Assembleia Legislativa Provincial do Maranhão*, de 1831, além dos periódicos *O Guajajara*, de 1840, *A Marmota Maranhense*, de 1851, *A Sentinela*, de 1855, *O Ecclesiastico*, de 1857, *A Escola*, de 1878, do dossiê científico *A Lepra entre nós*, de 1897, e dos *Annaes do Congresso do Estado do Maranhão* – 1ª sessão ordinária da 3ª legislatura, de 1898.

Os dados extraídos desses documentos foram transcritos, de acordo com a sua grafia original, em uma planilha do Excel. Em seguida, foram codificados de acordo com a *morfologia do verbo* (indicativo ou subjuntivo), o *nome do documento*, a *década* em que foi escrito, o *ano* exato de sua escrita, o *capítulo*, a *página*, o *parágrafo* e a *linha* do excerto em que contivesse um dado de oração subordinada substantiva objetiva direta. Consideraram-se as seguintes variáveis linguísticas: o *verbo da oração principal*, o *tempo verbal do verbo da oração principal*, o *tempo verbal do verbo da oração subordinada* e o *grau de assertividade da oração*.

¹² O acesso ao site da Biblioteca Pública Benedito Leite foi feito por meio do seguinte link: <http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/>.

¹³ O acesso ao site do Arquivo Público do Estado do Maranhão foi feito por meio do seguinte link: <http://apem.cultura.ma.gov.br/siapem/index.php#>.

Figura 6 – Planilha de dados do século XIX codificada a partir dos periódicos maranhenses

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	
MORFOLOGIA DO VERBO	NOME DO DOCUMENTO	DÉCADA	ANO DO DOCUMENTO	TÍTULO DO CAPÍTULO	CAPÍTULO EM QUE APARECE	PÁGINA DO EXCERTO	PARÁGRAFO DO EXCERTO	LINHA DO EXCERTO	VERBO DA ORAÇÃO	TEMPO VERBAL DA ORAÇÃO PRINCIPAL	TEMPO VERBAL DA ORAÇÃO	GRAU DE ASSERTIVIDADE	CONTEXTO
indicativo	A Sentinella	50	1855	Elfrida	não há numeração	4	19'	3	dizer	presente	presente do indicativo	afirmação + afirmação	[Quem diz] que o
indicativo	A Sentinella	50	1855	A semana	não há numeração	5	10'	1	dizer	futuro do presente	presente	afirmação + afirmação	[dizem agora os
indicativo	A Sentinella	50	1855	Hippolito e Camill	não há numeração	6	5'	5	julgar	presente	presente do indicativo	afirmação + afirmação	[julgo] que ainda
subjuntivo	A Sentinella	50	1855	Maxima	não há numeração	7	6'	1	pedir	presente do indicativo	presente do subjuntivo	afirmação + afirmação	[pede-lhe] que z
indicativo	A Sentinella	50	1855	Ins olhos castanho	não há numeração	16	4'	3	amar	preterito perfeito	eterito imperfeito indicati	afirmação + afirmação	[amei-os pense
indicativo	A Sentinella	50	1855	A semana	não há numeração	17	5'	1	constar	presente	futuro do presente	afirmação + afirmação	[consta-nos] qu
indicativo	A Sentinella	50	1855	asseio ao caminho	não há numeração	31	2'	3	lembrar	preterito perfeito	preterito imperfeito	afirmação + afirmação	Era 4 horas da r
indicativo	A Sentinella	50	1855	A semana	não há numeração	50	2'	1	acontecer	presente	presente do indicativo	afirmação + afirmação	[Algumas vezes
indicativo	A Sentinella	50	1855	A semana	não há numeração	62	12'	1	constar	presente	preterito perfeito	afirmação + negação	[Consta-nos] [q
indicativo	A Sentinella	50	1855	A semana	não há numeração	62	16'	4	constar	presente	presente	afirmação + afirmação	No dia 7 do cor
indicativo	A Sentinella	50	1855	A semana	não há numeração	63	6'	3	confessar	presente	presente do indicativo	afirmação + afirmação	Depois do Dran
subjuntivo	A Sentinella	50	1855	Hippolito e Camill	não há numeração	64	4'	4	recomendar	gerundio	presente	afirmação + afirmação	A pé se adinta z
indicativo	A Sentinella	50	1855	Hippolito e Camill	não há numeração	64	9'	2	saber	presente	presente do indicativo	negação + negação	[Não sabe] [que
subjuntivo	A Sentinella	50	1855	perfidia se paga oc	não há numeração	68	18'	1	pensar	preterito perfeito	terito imperfeito do subj	afirmação + afirmação	Enganei-me, Sr.
subjuntivo	A Sentinella	50	1855	perfidia se paga oc	não há numeração	72	6'	1	querer	preterito perfeito	terito imperfeito do subj	afirmação + afirmação	Carlos-nenhã
indicativo	A Sentinella	50	1855	A semana	não há numeração	74	3'	15	ver	infinitivo pessoal	participio	afirmação + afirmação	Porem não era
indicativo	A Sentinella	50	1855	Pensamentos	não há numeração	77	7'	1	dizer	presente	presente	afirmação + afirmação	[Quantas pesso
subjuntivo	A Sentinella	50	1855	perfidia se paga oc	não há numeração	80	12'	3	querer	eterito imperfeito indicati	eterito imperfeito subj	negação + afirmação	Desconfiando d
indicativo	A Sentinella	50	1855	itejo à proclamaçã	não há numeração	87	32'	3	parecer	presente	futuro do presente	afirmação + afirmação	Uma circumstan
indicativo	A Sentinella	50	1855	initta das Priminha	não há numeração	96	6'	4	crer	presente do subjuntivo	presente	negação + afirmação	o que for nosso
indicativo	A Sentinella	50	1855	initta das Priminha	não há numeração	97	23'	5	parecer	presente	futuro do presente	afirmação + afirmação	[As minhas sup
indicativo	A Sentinella	50	1855	initta das Priminha	não há numeração	97	34'	4	julgar	presente	preterito perfeito	afirmação + afirmação	[En pela minha
indicativo	A Sentinella	50	1855	initta das Priminha	não há numeração	97	34'	5	dizer	infinitivo	terito imperfeito do indic	afirmação + afirmação	Eu pela minha p
subjuntivo	A Sentinella	50	1855	O Desprezo	não há numeração	99	3'	1	vir	futuro do presente	presente subjuntivo	afirmação + afirmação	[tempo virá] [q
subjuntivo	A Sentinella	50	1855	O Desprezo	não há numeração	99	3'	3	vir	futuro do presente	presente	afirmação + afirmação	[tempo virá] [q
subjuntivo	A Sentinella	50	1855	initta das Priminha	não há numeração	100	6'	3	esperar	presente do indicativo	presente	afirmação + afirmação	Como as nossas
indicativo	A Sentinella	50	1855	initta das Priminha	não há numeração	100	22'	1	parecer	presente	presente	afirmação + negação	Não se desconso
subjuntivo	A Sentinella	50	1855	Theatro de S. Luiz	não há numeração	120	3'	1	sentir	infinitivo	eterito imperfeito subj	afirmação + negação	[E para sentir] [
indicativo	A Sentinella	50	1855	uamento de um lo	não há numeração	123	22'	6	dizer	presente	futuro do preterito	afirmação + afirmação	[Seneca em alu

Fonte: elaborada pelos autores.

De certo modo, as pesquisas sobre a variação entre esses modos verbais já vêm apontando a relevância desses fatores linguísticos para explicar tal fenômeno de variação. Busca-se averiguar, então, se esses mesmos fatores se correlacionam a tal fenômeno, ao considerar-se dados do século XIX. Além disso, analisa-se a década de escrita do documento, com a finalidade de verificar se há diferenças relevantes quanto ao uso da morfologia dos modos verbais em questão.

As análises estatísticas foram realizadas no R (R CORE TEAM, 2022). Oushiro (2015) descreve tal programa como uma linguagem de programação que pode ser utilizada para a realização de análises em computações gráficas e estatísticas, além da compilação e anotação de corpora, ao que se pode acrescentar a produção de listas de frequências, entre diversas outras tarefas (GRIES, 2009). Oushiro destaca ainda que o R já vem sendo bastante utilizado pelos socio(linguistas) brasileiros, uma vez que apresenta várias vantagens, dentre as quais a possibilidade de que o usuário customize uma série de tarefas que deseja executar e, conseqüentemente, tenha um maior controle sobre os resultados obtidos. Acrescente-se a informação de que a análise está sendo feita do ponto de vista do indicativo, na direção de se verificar, no século XIX, o quanto

esse modo verbal invadiu o espaço dedicado ao modo subjuntivo, resultados que podem ser mais bem visualizados na seção a seguir.

4 Resultados e discussão

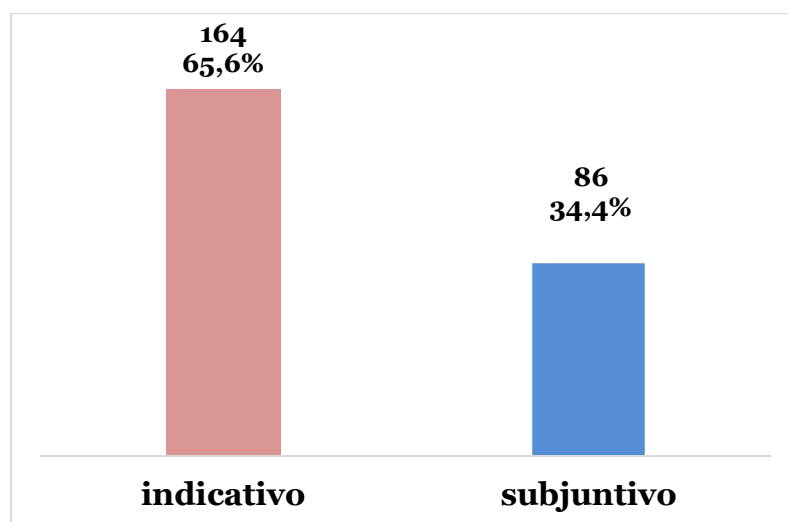
Para se responder à questão central deste estudo – a de quanto a morfologia do modo verbal indicativo avançou em direção ao espaço dedicado à morfologia própria do subjuntivo –, buscou-se analisar dados extraídos de documentos históricos escritos no Maranhão ao longo do século XIX. Os resultados aqui apresentados, de um modo geral, revelam que a forma do indicativo foi a forma verbal mais recorrente na amostra de textos do século XIX analisada, que permitem afirmar que as duas formas coocorrem para expressar a noção de um mesmo modo verbal, no português brasileiro, em uma sincronia distinta da atual.

Discutem-se, portanto, as distribuições gerais dos dados ao longo do período em questão e comparam-se os resultados aos das pesquisas que se debruçaram sobre o mesmo fenômeno, ainda que os recortes temporais tenham sido diferentes. Em seguida, analisam-se os fatores considerados para esta análise preliminar que possam explicar os usos da morfologia do modo indicativo em contextos de subjuntivo.

Foram analisados duzentos e cinquenta registros de orações subordinadas substantivas objetivas diretas, em que era possível a variação morfológica entre o subjuntivo e o indicativo, extraídos dos documentos elencados na seção 3 deste trabalho. Desse total, 164 estavam com morfologia do indicativo, a exemplo de (7) *Quem diz que o rei vae á caça, deserto que se enganou* (A Sentinella, 1855), o que corresponde a 65,4% dos dados, e 75 com morfologia própria do subjuntivo, 34,6% do total, como em (8) *Quantas pessoas dizem que amem a perder a cabeça*¹⁴ (A Sentinella, 1855).

¹⁴ Ambos os exemplos foram extraídos do periódico A Sentinella (1855).

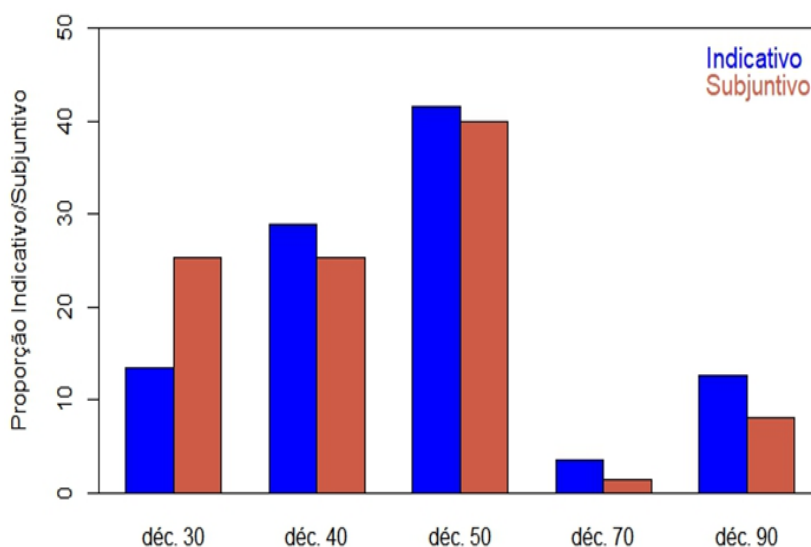
Gráfico 1 – Distribuição de dados de indicativo e de subjuntivo



Fonte: elaborado pelos autores.

Ao se analisar a distribuição dos dados ao longo das décadas do século XIX, observa-se que a aparente desorganização no paradigma desse modo verbal revela a característica da variação linguística, inerente a todas as línguas naturais, revelada, aqui, pela coocorrência entre o uso do indicativo e o uso do subjuntivo, em contextos em que o esperado é a forma própria do subjuntivo.

Gráfico 2 – Proporção de indicativo e de subjuntivo no século XIX



Fonte: elaborado pelos autores.

Como se verifica no gráfico 2, acima, há uma evidente coocorrência da morfologia do subjuntivo e do indicativo na expressão do modo subjuntivo,

embora a morfologia do indicativo pareça mais recorrente do que a do subjuntivo. Observa-se que apenas nos dados codificados, relativos à década de 30, a morfologia do subjuntivo é mais recorrente. A partir da década de 40, acompanha-se clara evidência da preferência pela morfologia do indicativo, nos documentos analisados. A evidente queda na quantidade de dados coletados para a década de 70, é explicada pela pouca ocorrência de casos em que as formas de indicativo e subjuntivo são intercambiáveis.

A tabela a seguir destaca as análises estatísticas feitas no R (R CORE TEAM, 2022), com a indicação das variáveis que se correlacionaram ao fenômeno aqui analisado.

Tabela 1 – Análise de regressão de efeitos mistos do uso do Indicativo e do Subjuntivo em textos do século XIX, no Maranhão (N = 250)

Variável	Estimativa	Erro Padrão	Valor-z	p	Apl./N
Verbo da Oração Principal					
Verbos Volitivos (v. referência)					36/74 (48%)
Verbos Cognitivos	1.921	0.507	3.787	<0,001***	46/56 (82%)
Verbos Factíveis	1.119	0.333	3.355	<0,001***	88/120 (73%)
Tempo Verbal da Orac. Princ.					
Pretérito (v. referência)					92/130 (70%)
Futuro	-0.036	0.662	-0.055	0.955	14/18 (77%)
Presente	-1.907	0.533	-3.574	<0,001***	22/38 (57%)
Formas Nominais	-0.523	0.375	-1.395	0,162	42/64 (65%)
Tempo Verbal da Orac. Subord.					
Pretérito (v. referência)					87/146 (59%)
Presente	1.884	0.471	3.994	<0,001***	66/82 (80%)
Futuro	0.887	0.592	1.498	0.134	17/22 (77%)
Grau de assertividade					
Afirmção + Afirmção (v. referência)					131/190 (68%)
Afirmção + Negação	0.380	0.421	0.904	0.366	31/42 (73%)
Negação + Afirmção	-1.832	0.609	-3.008	<0,001**	7/17 (41%)

Fórmula = glm (MORFOLOGIA.DO.VERBO ~ VERBO.DA.ORACAO.PRINCIPAL + TEMPO.VERBAL.DA.ORACAO.PRINCIPAL + TEMPO.VERBAL.DA.ORACAO.SUBORDINADA + GRAU.DE.ASSERTIVIDADE, family = binomial, data = sub)

Fonte: elaborada pelos autores.

Da esquerda para a direita, a tabela acima é lida da seguinte maneira: na primeira coluna, tem-se as variáveis controladas neste estudo, bem como as variantes de cada uma delas. A segunda coluna, a da estimativa, apresenta os valores relacionados ao denominado *intercept*, que é o valor de referência da variante. Assim, para essa análise, os valores de referência são a morfologia do modo indicativo, em comparação à forma do subjuntivo. Ela é, nesse caso, a variável dependente (a que depende das demais variáveis com as quais vai ou não

se correlacionar). Para a variável *verbo da oração principal*, tem-se os verbos volitivos como valores de referência. Para as variáveis *tempo verbal da oração principal* e *tempo verbal da oração subordinada*, o valor de referência é o tempo *presente*. Observe-se que essa informação está descrita entre parênteses. Do mesmo modo, para o *grau de assertividade da oração*, o valor de referência são sentenças do tipo *afirmativa na oração principal e afirmativa na oração subordinada*. Em geral, o valor de referência evidencia o ponto de vista pelo qual a análise vai ser realizada. A coluna *p*, em que aparece o valor $p < 0,001$, acompanhado de três asteriscos, indica que são remotas as possibilidades de se obter esses resultados caso a hipótese nula fosse verdadeira, ou seja, que não houvesse diferenças significativas entre as variantes de cada uma das variáveis. O valor $p < 0,001$, seguido dos asteriscos, revela, portanto, que a diferença entre as variantes é significativa. A última coluna traz informações acerca dos valores brutos e das porcentagens do uso da morfologia do indicativo no lugar de subjuntivo, nos contextos considerados.

Passadas essas informações, os resultados demonstrados na tabela 1, acima, revelam que, nas sentenças extraídas dos textos do século XIX, a morfologia do indicativo se correlaciona com verbos cognitivos, a exemplo de (9) [*ameie-os pensei*] *que a vida, tinha n'elles de acaba*], ou factíveis, como *saber*, a exemplo de (10) [*Não sabes*][*que a tanto não chega meu poder*] ¹⁵. Esses resultados, de certo modo, se aproximam daqueles que mostram que, de fato, verbos volitivos, como *querer* (11) [*Deos queira*], [*que tu não se perca*]), tendem a se correlacionar mais à morfologia do subjuntivo (cf. CARVALHO, 2007; PIMPÃO, 2012, SANTOS, 2015). Esse resultado também corrobora a discussão acima levantada de que a morfologia própria do subjuntivo continua produtiva no português brasileiro, ainda que restrita a certos tipos de verbos.

Para o tempo verbal da oração principal, bem como para o tempo verbal da oração encaixada, os resultados demonstram que há correlação entre a forma do indicativo e orações no tempo verbal *presente*, como se pode verificar em (12) *O Guajajara confia que o reinado dos ladrões e gaviões vai acabar, e tomara já*

¹⁵ Os exemplos 9, 10 e 11 foram extraídos do periódico A Sentinella (1855).

*ver os sócios do Chico Macho, (...)»¹⁶, ainda que ocorram casos em que, mesmo no presente, a morfologia é a do subjuntivo, a exemplo de (13) *Confia que nem ao menos escapem os bens do infeliz escrivão (inint.), assassinado pelos malvados*. Esse resultado confirma a hipótese inicial deste trabalho que previa que sentenças no tempo verbal pretérito tendessem a se correlacionar mais com as formas do subjuntivo, ao passo que formas verbais no presente se correlacionassem mais com a morfologia do indicativo. Do mesmo modo, os resultados cujas discussões são aqui levantadas aproximam-se daqueles que vêm sendo obtidos para análise de produção que se ocupam em analisar tal fenômeno variável (cf. CARVALHO, 2007; SANTOS, 2015, por exemplo). Para essas variáveis, Berlinck (2019), que analisou o subjuntivo e o indicativo em dados ao longo dos séculos XVI a XX, verificou que o imperfeito se correlacionou ao uso do subjuntivo, por exemplo. Essa autora explica que a justificativa para isso está no fato de que “os dados que têm o imperfeito na principal têm, quase que exclusivamente, também o verbo da encaixada no imperfeito” (BERLINCK, 2019, p. 233), a exemplo de (14) *pois que a menoridade impedisse que o jovem príncipe americano empunhasse o leme do estado*¹⁷.*

O controle do tempo verbal da oração principal e da oração subordinada para a análise da variação na morfologia do indicativo e do subjuntivo no português brasileiro também foi verificado por Pimpão (2012), que analisou 48 entrevistas das cidades de Florianópolis e de Lages, ambas em Santa Catarina, pertencentes ao Banco de Dados do Projeto VARSUL, além de 244 cartas ao redator, publicadas em jornais de ambas as cidades desde as duas últimas décadas do século XIX até o final do século XX, pertencentes ao Projeto PHPB, Santa Catarina. Para os dados históricos, a autora verificou que os verbos com projeção futura são aqueles que se correlacionam mais à morfologia do subjuntivo, enquanto os verbos com valores de submodo de certeza se correlacionam mais à morfologia do indicativo.

Essa autora explica ainda que tal resultado se aproxima dos alcançados para a análise da amostra sincrônica, com falantes de Florianópolis e Lages, em

¹⁶ Os exemplos 12 e 13 foram extraídos do Periódico *O Guajajara* (1840).

¹⁷ O exemplo 14 foi extraído do Periódico *História da Revolução do Brasil* (1831).

Santa Catarina, além de outras pesquisas sobre a fala, em outras localidades do Brasil. Ela explica que a convergência nesses resultados podem revelar “uma reorganização do paradigma verbal modo-temporal do português brasileiro” (PIMPÃO, 2012, p. 62), com o subjuntivo especializando sua atuação em certas estruturas morfossintáticas.

Por fim, mas não menos importante, para o *grau de assertividade da oração*, as orações subordinadas substantivas que apresentam o elemento de negação na oração principal, mas não na oração subordinada, é a que mais parece se correlacionar ao uso do modo indicativo, em contextos em que o esperado é a morfologia do subjuntivo. Ao contrário, as estruturas com afirmativa na principal e afirmativa na subordinada, bem como aquelas sentenças em que há afirmação na principal e presença do elemento de negação na oração encaixada parecem não se correlacionar à variante em destaque.

Acrescenta-se que, desses dados, não foram analisados aqueles que apresentam negação na oração principal e negação na oração subordinada, dado ao fato de que foi extraído apenas um exemplar dessa variável.

As discussões levantadas aqui chegam ao seu ponto máximo com a defesa do caráter composicional do subjuntivo, no sentido de que a morfologia própria desse modo verbal se correlaciona diretamente com certos tipos de itens lexicais verbais, como verbos volitivos e de crença, além de ser preferencialmente expresso acompanhado de verbos no pretérito e no futuro, e cuja sentença apresente elementos de negação, de modo que essas variáveis possuem importante relação com a morfologia própria do subjuntivo.

4 Considerações Finais

Esta pesquisa buscou verificar o quanto a morfologia do indicativo ocupou o espaço para o qual se espera, ou se prescreve, o uso da morfologia do subjuntivo. Adiciona-se a essa questão o interesse em se verificar padrões gerais na expressão desse modo verbal, e se tais padrões na expressão da morfologia do modo subjuntivo refletem, em alguma medida, aqueles encontrados em pesquisas constituídas sob o plano da sociolinguística histórica, de maneira que se

estabeleça um diálogo entre elas e revele um padrão próprio do português brasileiro.

Para a primeira dessas questões, pode-se afirmar que o indicativo apresenta evidente avanço, já no século XIX, no espaço dedicado à morfologia do subjuntivo. Isso está intrinsecamente associado aos fatores que se correlacionam a uma morfologia ou outra: enquanto verbos cognitivos e de mais certeza se correlacionam mais à forma do indicativo, verbos de volição e menos certeza epistêmica tendem a se correlacionar com formas subjuntivas. Além disso, a presença de elementos de negação parece primordial para a seleção da morfologia do subjuntivo. Esses três aspectos apontam que a noção de subjuntividade proposta por Santos (2015) está estritamente relacionada a outros elementos na sentença, e menos atrelada à morfologia verbal, caracterizando-se, assim, como um padrão próprio do português brasileiro.

Referências

ALMEIDA, Erica de Sousa. *Variação de uso do subjuntivo em estruturas subordinadas: do século XIII ao XX*. 2010. 294f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

ALMEIDA, Erica de Sousa; CALLOU, Dinah Maria Isensee. Mudanças em curso no português brasileiro: contrastando duas comunidades. *Textos selecionados XXIV Encontro Nacional da APL*. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, Ltda, 2009, p. 161-168.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

ALVES, Rosana. *A expressão de modalidades típicas do subjuntivo em duas sincronias do português: século XVI e contemporaneidade*. 197f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

BLATT, Franz. *Precis de Syntaxe Latine*. Lyon: IAC, 1952.

BERLINCK, Rosane. Subjuntivo vs indicativo em orações completivas: percurso diacrônico no português brasileiro. In: CARRILHO, Ernestina et al (orgs). *Estudos Linguísticos e Filológicos oferecidos a Ivo Castro*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2019, p. 217-244.

BIANCHET, Sandra Maria. *Indicativo e/ou subjuntivo em orações completivas objetivas diretas do português: uma volta ao latim*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

BOTELHO PEREIRA, Maria Ângela. *Aspectos da oposição modal indicativo/subjuntivo no Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1974, 265p. Dissertação (Mestrado em Linguística), Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CANEVARI, Reynaldo. *A nova nomenclatura gramatical brasileira: definições; exemplificação*. 5ª ed. revista, melhorada e ampliada. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1960.

CARVALHO, Hebe Macedo de. *A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri*. 2007. 158f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

COMRIE, Bernard. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. A sociolinguística paramétrica: desfazendo alguns equívocos. *Guavira Letras – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras/UFMS – Campus de Três Lagoas*, v. 15, n. 31, p. 124-140, 2019.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*, 2005. Disponível em: <URL <http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>>. Acessado em: 28 jan. 2023.

GRIES, Stefan Th. *Quantitative Corpus Linguistics with R: a practical introduction*. New York: Routledge, 2009.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford, Wiley-Blackwell, 2012.

KATO, Mary Aizawa; Tarallo, Fernando et al. Preenchedores sintáticos nas fronteiras de constituintes. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (Org.). *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, v.3, 1993.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. *Estruturas Trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Salvador: EDUFBA, 2010.

MAURER JUNIOR, Theodoro Henrique. *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MENDES, Ronald Beline. *Estar + gerúndio e ter + particípio: aspecto verbal e variação no português*. 2005. 189f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MIRA MATEUS, Maria Helena et al. *Gramática da língua portuguesa: elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual*. Coimbra: Almedina, 2003.

OLIVEIRA, Maria do Carmo. *O uso do modo verbal em estruturas de complementação no português do Brasil*. 155f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

OUSHIRO, Livia. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Linguística). FFLCH - Universidade de São Paulo, 390f, 2015.

PIMPÃO, Tatiana. *Variação no presente do indicativo do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. Florianópolis, 128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

PIMPÃO, Tatiana. *Uso variável do presente no modo subjuntivo: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX*. 350 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ROCHA, Rosa Cecília Freire da. *A alternância indicativo/subjuntivo nas orações subordinadas substantivas em português*. 123f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas, Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

ROMAINE, Suzanne. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge University Press. New York, 2009[1982].

R Team, Development Core. R: A Language and Environment for Statistical Computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2022. URL: <http://www.R-project.org/>. Último acesso em: 30 jan. 2023.

SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

SANTOS, Regina Marques Alves dos. *O uso variável do modo subjuntivo em estruturas complexas*. 170f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São Jose do Rio Preto, 2005.

SANTOS, Wendel Silva dos. *A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís*. 140f. Dissertação (Mestrado em Semiótica

e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, Wendel Silva dos. *Percepções sociolinguísticas acerca da variação subjuntivo/indicativo em São Luís e São Paulo*. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O Aspecto Verbal no Português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: EDUFU, 1981.

VERKUYL, Henk. *A Theory of Aspectuality* - the interpretation between temporal and atemporal structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

VERKUYL, Henk. *Aspectual Issues* - studies on time and quantity. Stanford: CSLI Publications, 1999.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola, 2006[1968].

WHERRITT, Irene. *The subjunctive in Brazilian Portuguese*. 191f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of Modern and Classical Languages, University of New Mexico, Albuquerque, 1977.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio. O uso do presente na fonética/fonologia do português para explicar o passado. In: SALGADO, Ana Claudia Peters; BARRETTO, Maria Guimarães Saavedra. (orgs.). *Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato: homenagem ao professor Jürgen Heye*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009, p. 75-117.

[Artigo recebido em 01 de janeiro de 2023 e aceito em 23 de abril de 2023.]